

MATERIALIDADE E VOLUMETRIA: **EXPRESSÕES IDENTITÁRIAS NA CONFIGURAÇÃO DE EDIFÍCIOS** **MULTIFAMILIARES**

MATERIALITY AND VOLUMETRY:

IDENTITY EXPRESSIONS IN THE CONFIGURATION OF MULTIFAMILY BUILDINGS

MATERIALIDAD Y VOLUMETRÍA:

EXPRESIONES IDENTITARIAS EN LA CONFIGURACIÓN DE EDIFICIOS MULTIFAMILIARES

 **José Ricardo de Freitas Dias¹**

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre materialidade, volumetria e identidade arquitetônica em edifícios multifamiliares, tomando como estudo de caso a produção arquitetônica de Teresina, Piauí, ao longo de quatro fases de verticalização, de 1969 a 2024. Comparamos oito edifícios representativos de Teresina com três exemplares paradigmáticos de outras cidades brasileiras e examinamos como os elementos materiais e volumétricos expressam identidades arquitetônicas e respondem a contextos socioculturais, climáticos e mercadológicos específicos. Combinamos análise documental, observação direta e interpretação crítica, aplicando um framework construído a partir dos conceitos de regionalismo crítico, fenomenologia e tectônica. Os resultados revelam uma trajetória que parte de uma expressão moderna brutalista, atravessa fases de maior apelo mercadológico, com fragmentação formal e diversificação material, e alcança uma linguagem contemporânea globalizada, com menor conexão regional. Os exemplares comparativos, sobretudo os de Recife, demonstram busca mais consistente por identidade regional moderna.

PALAVRAS-CHAVE: materialidade; volumetria; identidade arquitetônica; edifícios multifamiliares; regionalismo crítico.

¹ Doutorando em Arquitetura, CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, em regime de cotutela com a FAU UnB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

jricardo1@edu.ulisboa.pt <https://orcid.org/0000-0003-3464-080X>

ABSTRACT

This article investigates the relationships between materiality, volumetry, and architectural identity in multifamily buildings, using as a case study the architectural production of Teresina, Piauí, across four phases of high-rise development, from 1969 to 2024. We compare eight representative buildings from Teresina with three paradigmatic examples from other Brazilian cities and examine how material and volumetric elements express architectural identities and respond to specific sociocultural, climatic, and market contexts. We combine documentary analysis, direct observation, and critical interpretation, applying a framework built from the concepts of critical regionalism, phenomenology, and tectonics. The results reveal a trajectory that starts from a brutalist modern expression, moves through phases of greater market appeal, with formal fragmentation and material diversification, and reaches a globalized contemporary language, with weaker regional connection. The comparative examples, especially those from Recife, show a more consistent search for a modern regional identity.

KEYWORDS: materiality; volumetry; architectural identity; multifamily buildings; critical regionalism.

RESUMEN

Este artículo investiga las relaciones entre materialidad, volumetría e identidad arquitectónica en edificios multifamiliares, tomando como estudio de caso la producción arquitectónica de Teresina, Piauí, a lo largo de cuatro fases de verticalización, de 1969 a 2024. Comparamos ocho edificios representativos de Teresina con tres ejemplares paradigmáticos de otras ciudades brasileñas y examinamos cómo los elementos materiales y volumétricos expresan identidades arquitectónicas y responden a contextos socioculturales, climáticos y mercadológicos específicos. Combinamos análisis documental, observación directa e interpretación crítica, aplicando un marco construido a partir de los conceptos de regionalismo crítico, fenomenología y tectónica. Los resultados revelan una trayectoria que parte de una expresión moderna brutalista, atraviesa fases de mayor atractivo mercadológico, con fragmentación formal y diversificación material, y alcanza un lenguaje contemporáneo globalizado, con menor conexión regional. Los ejemplares comparativos, sobre todo los de Recife, demuestran una búsqueda más consistente de identidad regional moderna.

PALABRAS CLAVE: materialidad; volumetría; identidad arquitectónica; edificios multifamiliares; regionalismo crítico.



INTRODUÇÃO

Investigamos, neste artigo, as relações entre materialidade, volumetria e identidade arquitetônica em edifícios multifamiliares, tomando como estudo de caso a produção arquitetônica de Teresina, capital do Piauí, ao longo de quatro fases de verticalização (1969 a 2024). Entendemos a materialidade e a volumetria como mediadoras entre as dimensões técnicas, estéticas e culturais da arquitetura; nos edifícios multifamiliares, essas dimensões ganham complexidade adicional, pois respondem simultaneamente a demandas construtivas, urbanas e mercadológicas.

A relevância deste estudo está na necessidade de compreender as transformações nas expressões materiais e volumétricas da arquitetura multifamiliar brasileira em contextos regionais ainda pouco documentados. A historiografia da arquitetura brasileira privilegia, em geral, os grandes centros ou algumas capitais nordestinas litorâneas; cidades médias do interior nordestino, como Teresina, permanecem relativamente pouco analisadas, apesar de um acervo edificado que reflete diferentes momentos da produção nacional.

Analizamos como a materialidade e a volumetria dos edifícios multifamiliares em Teresina expressam identidades arquitetônicas e respondem a contextos específicos ao longo do tempo. Especificamente, identificamos padrões e transformações nas soluções materiais e volumétricas ao longo das quatro fases de verticalização; comparamos essas soluções com exemplares paradigmáticos de outras cidades brasileiras; discutimos as relações entre estas expressões e os contextos socioculturais, climáticos e mercadológicos; e propomos um framework teórico próprio para a análise dessas relações.

Partimos da hipótese de que a materialidade e a volumetria dos edifícios multifamiliares em Teresina refletem uma tensão constante entre influências externas e respostas locais, resultando em expressões identitárias que oscilam entre a adoção de modelos hegemônicos e a busca por linguagens regionalizadas.

O artigo está estruturado em quatro seções principais, além desta introdução. A primeira apresenta a fundamentação teórica, discutindo os conceitos de materialidade, volumetria e identidade arquitetônica. A segunda detalha a metodologia adotada, incluindo a seleção dos casos e os procedimentos de análise. A terceira apresenta os resultados, examinando os edifícios selecionados e identificando padrões e transformações ao longo das quatro fases. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições do estudo e apontam uma agenda de pesquisa para investigações futuras.

DESENVOLVIMENTO

Materialidade na arquitetura

A materialidade na arquitetura transcende a mera utilização de materiais construtivos e constitui um sistema de relações entre matéria, técnica, percepção e significado. Segundo Pallasmaa (2011), os materiais possuem uma linguagem própria, evocando experiências sensoriais e memórias que conectam o edifício ao corpo e à consciência humana; essa dimensão fenomenológica é fundamental para compreender como os edifícios são percebidos e vivenciados pelos usuários.

Frampton (1995) amplia essa discussão ao propor o conceito de tectônica, referente à expressão poética da construção, em que a materialidade revela não apenas a estrutura física do edifício, mas também sua dimensão cultural e simbólica. Para o autor, a tectônica resiste à tendência de reduzir a arquitetura a imagens superficiais, reafirmando a importância da experiência material e construtiva.

No contexto brasileiro, a materialidade adquire contornos particulares, marcados pela tensão entre tradição e modernidade, técnicas artesanais e industriais, influências externas e expressões locais (Segawa, 2014). Nos edifícios multifamiliares, a materialidade assume dimensões adicionais, relacionadas às demandas do mercado imobiliário, às expectativas dos usuários e às limitações econômicas e construtivas; a produção habitacional coletiva no Brasil oscila, com frequência, entre a experimentação material e a padronização, entre a expressão autoral e a reprodução de fórmulas consagradas pelo mercado (Villa, 2002).



Volumetria e expressão arquitetônica

A volumetria constitui outro elemento fundamental na expressão arquitetônica, referindo-se à configuração tridimensional do edifício, suas proporções, ritmos, cheios e vazios, e sua relação com o entorno. Segundo Ching (2016), a forma arquitetônica resulta da manipulação de volumes no espaço, criando relações visuais e espaciais que definem a experiência do edifício.

Montaner (2001) observa que a volumetria na arquitetura moderna e contemporânea reflete diferentes posicionamentos teóricos e culturais, desde a pureza geométrica do modernismo ortodoxo até a fragmentação das abordagens pós-modernas. No Brasil, a arquitetura moderna desenvolveu uma linguagem volumétrica própria, marcada pela fluidez, pela integração entre interior e exterior e pela adaptação às condições climáticas locais (Cavalcanti, 2001); em Teresina, como em outras cidades brasileiras de médio porte, as transformações volumétricas do século XX e início do XXI refletem tanto influências externas quanto condições locais específicas.

Identidade arquitetônica e regionalismo crítico

A identidade arquitetônica emerge da interseção entre materialidade, volumetria e contexto, configurando a expressão de valores, significados e relações que caracterizam um edifício ou conjunto edificado. Norberg-Schulz (1980) argumenta que a arquitetura concretiza o *genius loci*, o espírito do lugar, materializando características culturais, históricas e geográficas específicas.

O conceito de regionalismo crítico, desenvolvido por Frampton (1983), oferece um framework valioso para compreender como a identidade arquitetônica pode resistir à homogeneização cultural e tecnológica sem recair em localismos nostálgicos ou superficiais; para o autor, o regionalismo crítico busca mediar entre a cultura universal e elementos derivados de um lugar particular, valorizando aspectos como topografia, luz, clima e tectônica.

No contexto brasileiro, a busca por uma expressão nacional na arquitetura resultou em diferentes abordagens, do modernismo canônico carioca a expressões regionais como a Escola Pernambucana (Bastos; Zein, 2010). Nos edifícios multifamiliares, a identidade arquitetônica frequentemente se tensiona entre expressões autorais, demandas mercadológicas e expectativas culturais, e a habitação coletiva contemporânea enfrenta o desafio de equilibrar padronização e singularidade, eficiência construtiva e qualidade espacial, globalização e pertencimento local (Hamid; Hanks; Qi, 2021). Como observa Baper (2024) a partir de outro contexto regional, a habitação coletiva contemporânea reflete tensões entre tradição e inovação, entre expressões locais e tendências globais, entre autenticidade material e imagem comercial; a experiência arquitetônica, por sua vez, resulta da integração entre matéria, espaço e luz, criando uma totalidade que transcende a soma de suas partes (Holl, 2006).

Metodologia

Adotamos uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada na análise comparativa de casos selecionados. Combinamos análise documental, observação direta e interpretação crítica, aplicando o framework teórico apresentado na seção anterior, construído a partir dos conceitos de regionalismo crítico, fenomenologia e tectônica. A pesquisa se estrutura em três etapas: o desenvolvimento do framework teórico-analítico; a seleção e análise dos casos; e a interpretação e discussão dos resultados.

Para a análise da materialidade, consideramos os materiais estruturais, os materiais de vedação e revestimento, as esquadrias e elementos de proteção, as texturas e acabamentos e a paleta cromática de cada edifício. Para a análise da volumetria, examinamos a configuração geral do volume, a relação entre cheios e vazios, os ritmos e modulações, o tratamento das fachadas e a relação com o entorno. Para a análise da identidade arquitetônica, observamos a filiação estilística, a relação com o contexto regional, a adaptação climática, a expressão tectônica e os valores simbólicos e culturais de cada caso.

Selecionamos oito edifícios multifamiliares em Teresina, dois por fase de verticalização, e três edifícios comparativos de outras cidades brasileiras, escolhidos por sua relevância histórica e arquitetônica e por



oferecerem contrastes significativos com os edifícios de Teresina. O Quadro 1 sintetiza o corpus examinado.

Quadro 1: Corpus de análise: edifícios de Teresina e comparativos externos

Nome do edifício	Ano	Fase	Autoria do projeto (arquiteto)
Marquês de Paranaguá	1976	I. Pioneiros	Ricardo Roque
Raimundo Portela	1977	I. Pioneiros	Ricardo Roque
Palazzo Poty	1989	II. Desenvolvimento do Produto	Gustavo Almeida
Mandacaru	1993	II. Desenvolvimento do Produto	Júlio Medeiros
Manhattan	1997	III. Consolidação do Produto	Adriano Melo
Paul Cézanne	1999	III. Consolidação do Produto	Adriano Melo
Miami	2007	IV. Expansão pós-Consolidação	Carlos Portela
Alcides Nunes	2012	IV. Expansão pós-Consolidação	Gustavo Almeida e João Almeida
Pirapama	1956	Comparativo (Recife/PE)	Delfim Amorim e Lúcio Estelita
Acaiaca	1958	Comparativo (Recife/PE)	Delfim Amorim
Esther	1938	Comparativo (São Paulo/SP)	Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho

Fonte: elaboração do autor (2026), com dados de autoria cruzados contra o levantamento documental da pesquisa doutoral em curso e, para os comparativos externos, contra fontes bibliográficas especializadas.

Panorama das quatro fases de verticalização em Teresina

A verticalização de Teresina seguiu um padrão distinto do observado nas grandes metrópoles brasileiras, com fases de desenvolvimento que respondem a dinâmicas urbanas, econômicas e culturais particulares (Façanha, 1998). Organizamos essas fases em quatro momentos: Pioneiros (1969 a 1988), Desenvolvimento do Produto (1989 a 1993), Consolidação do Produto (1994 a 2006) e Expansão pós-Consolidação (2007 a 2024)

Essa periodização corresponde à proposta conceitual originalmente formulada em pesquisa de mestrado anterior do autor deste artigo (Dias, 2001); a quarta fase constitui extensão descritiva dessa mesma lógica classificatória, desenvolvida a partir de observação documental da produção mais recente, sem lastro em resultado publicado.

A Fase I, dos Pioneiros, é marcada pela influência direta do modernismo brasileiro, especialmente da vertente brutalista. Os edifícios desta fase tendem a apresentar materialidade robusta, com predomínio do concreto aparente, e volumetria marcada por blocos bem definidos, com exploração plástica da estrutura; a identidade arquitetônica busca expressar valores de racionalidade, funcionalidade e monumentalidade, com poucas adaptações explícitas ao contexto regional. Marquês de Paranaguá (1976) e Raimundo Portela (1977), ambos projetados por Ricardo Roque, representam este momento inicial da verticalização teresinense.

As Figuras 1 a 4 deste artigo, correspondentes aos edifícios Raimundo Portela, Mandacaru, Paul Cézanne e Alcides Nunes, foram produzidas a partir de fotografia própria do autor, com tratamento ilustrativo assistido por ferramenta de inteligência artificial de geração de imagem (Google Gemini, modelo Nano Banana).

A Figura 1 registra a fachada do edifício Raimundo Portela, expressão inicial da verticalização teresinense.



Figura 1. Edifício Raimundo Portela (1977), Fase I



Fonte: Elaboração do autor (2026).

A Fase II, de Desenvolvimento do Produto, marca uma transição para soluções mais orientadas ao mercado imobiliário local, com maior diversificação de revestimentos e esquadrias e volumetria progressivamente mais fragmentada. Palazzo Poty (1989), projetado por Gustavo Almeida, e Mandacaru (1993), projetado por Júlio Medeiros, situam-se neste período.

A Figura 2 registra a fachada do edifício Mandacaru, com suas varandas curvas contínuas características da Fase II.

Figura 2. Edifício Mandacaru (1993), Fase II



Fonte: Elaboração do autor (2026).

A Fase III, de Consolidação do Produto, aprofunda as tendências da fase anterior, com maior padronização de soluções e busca por diferenciação mercadológica; a identidade arquitetônica passa a se associar mais fortemente à imagem comercial do empreendimento. Manhattan (1997) e Paul Cézanne (1999), ambos projetados por Adriano Melo, integram este momento.

A Figura 3 registra a fachada do edifício Paul Cézanne, o mais alto do corpus examinado neste artigo.

Figura 3. Edifício Paul Cézanne (1999), Fase III



Fonte: Elaboração do autor (2026).

A Fase IV, de Expansão pós-Consolidação, é marcada pela incorporação de tendências contemporâneas globalizadas, com materialidade que explora vidro, alumínio e materiais compósitos, e volumetria que busca maior complexidade formal. Miami (2007), projetado por Carlos Portela, e Alcides Nunes (2012), projetado por Gustavo Almeida e João Almeida, exemplificam esta fase mais recente.

A Figura 4 registra a fachada do edifício Alcides Nunes, com a sofisticação material característica da fase mais recente.

Figura 4. Edifício Alcides Nunes (2012), Fase IV



Fonte: Elaboração do autor (2026).

A Figura 5 sintetiza visualmente essa progressão cronológica, evidenciando a desproporção entre a curta Fase II e os intervalos mais longos que a antecedem e sucedem.



Fonte: Elaboração do autor (2026).

Os oito edifícios do corpus, examinados individualmente, confirmam e detalham essa trajetória de diversificação material. Na Fase I, Marquês de Paranaguá e Raimundo Portela combinam revestimento cerâmico e pintura com esquadrias de alumínio, em paleta que associa tons bege-areia a acentos metálicos cor de cobre, uma sofisticação cromática pontual dentro da austeridade geral do período. Na Fase II, Palazzo Poty mantém a mesma combinação de cerâmica e pintura em tons neutros (branco e verde-musgo), enquanto Mandacaru, projetado apenas quatro anos depois, já introduz esquadrias que combinam alumínio e vidro estrutural, antecipando um recurso que só se generalizaria nas fases seguintes. Na Fase III, Manhattan e Paul Cézanne, ambos de autoria de Adriano Melo, mantêm o revestimento cerâmico como base, mas diversificam a paleta: o primeiro incorpora tons terracota e vermelho ao branco e cinza, o segundo opta por uma combinação mais contida de branco e verde associada a vidro cinza refletante. Na Fase IV, Miami retoma tons mais suaves de verde-água e verde-musgo sobre revestimento cerâmico convencional, enquanto Alcides Nunes recorre a esquadrias de alumínio e vidro estrutural numa paleta que combina branco, amarelo e cobre, expressão da sofisticação material que caracteriza o período mais recente do corpus.

Análise comparativa dos edifícios de Teresina

A análise da materialidade nos edifícios selecionados sugere uma trajetória de diversificação ao longo das quatro fases: do predomínio do concreto aparente na Fase I, passando pela incorporação de revestimentos cerâmicos e esquadrias de alumínio na Fase II, pela combinação mais diversa de materiais na Fase III, até o uso de materiais contemporâneos como pele de vidro, painéis compostos e porcelanatos de fachada na Fase IV. Essa trajetória indica uma desmaterialização progressiva, que desloca a expressão tectônica do concreto aparente para uma ênfase crescente em superfícies e revestimentos.

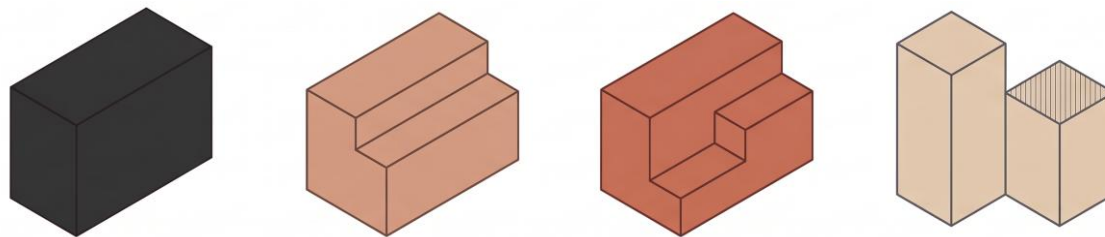
Quanto à volumetria, observamos uma passagem de volumes robustos e bem definidos, com forte expressão estrutural, na Fase I, para composições progressivamente mais fragmentadas e articuladas na Fase II, formas mais fluidas e dinâmicas na Fase III, e maior complexidade formal na Fase IV. Esta trajetória sugere uma valorização crescente da imagem sobre a clareza estrutural ao longo do período estudado.

O porte dos edifícios reforça essa leitura, mas também a complica. Na Fase I, Raimundo Portela (12 pavimentos) já supera em altura o marco inicial da verticalização local; na Fase II, Mandacaru chega a 15 pavimentos. Na Fase III, Paul Cézanne atinge 28 pavimentos, o mais alto entre os oito edifícios examinados, superando qualquer exemplar da Fase IV do corpus do artigo. Miami, já na Fase IV, tem apenas 7 pavimentos: sua sofisticação material e volumétrica não se traduz em verticalização mais agressiva, mas em maior elaboração formal e de acabamento em uma escala comparativamente contida. O porte, portanto, não cresce de forma linear entre as fases; a complexidade formal e material parece dissociar-se, em algum grau, da altura absoluta do edifício.

A Figura 6 esquematiza essa progressão de complexidade volumétrica, representando por meio de recortes retangulares crescentes a passagem de um volume único e íntegro, na Fase I, a uma composição de dois volumes justapostos, na Fase IV.



Figura 6. Trajetória esquemática de complexificação volumétrica entre as quatro fases



Fonte: Elaboração do autor (2026).

No plano da identidade arquitetônica, a Fase I se apoia na filiação ao modernismo brasileiro, com poucas adaptações explícitas ao contexto regional. Nas fases seguintes, a identidade se aproxima progressivamente do mercado imobiliário e de referências ecléticas e internacionais, buscando diferenciação visual e apelo comercial; nomes e formas passam a evocar status e sofisticação, muitas vezes por meio de referências externas ao contexto piauiense. Não identificamos, no conjunto examinado, uma linguagem regional forte e contínua, mas antes uma oscilação entre a adoção de modelos externos e tentativas pontuais de diferenciação.

Análise comparativa com edifícios de outras cidades

A comparação com os exemplares selecionados de outras cidades brasileiras revela contrastes significativos. Os edifícios Pirapama (1956) e Acaiaca (1958), ambos de Recife e projetados por Delfim Amorim, em parceria com Lúcio Estelita no primeiro caso, combinam concreto aparente com elementos vazados utilizados de forma expressiva e estruturante na composição das fachadas; a volumetria é clara e direta, com blocos elevados sobre pilotis, e a trama rítmica dos elementos vazados cria uma textura distintiva. Nestes edifícios, a identidade arquitetônica resulta de uma adaptação consciente dos princípios modernos às condições climáticas e culturais locais.

O Edifício Esther (concurso de 1936, conclusão em 1938), em São Paulo, projetado por Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, representa outra abordagem à questão da identidade: marco precoce do modernismo brasileiro, associa-se à modernização urbana e arquitetônica paulistana, representando a introdução de princípios internacionais em um contexto local específico.

Em comparação com estes exemplares, os edifícios de Teresina revelam uma trajetória menos consistente em termos de adaptação regional e expressão identitária. Enquanto os edifícios de Recife demonstram busca consciente por uma modernidade regionalizada, os edifícios teresinenses parecem oscilar entre a adoção de modelos externos e tentativas pontuais de diferenciação, sem consolidar uma linguagem regional contínua. Essa diferença pode estar relacionada ao desenvolvimento mais tardio da verticalização em Teresina e à maior influência de lógicas mercadológicas na produção arquitetônica local, entre outros fatores que uma agenda de pesquisa futura poderia aprofundar.

Síntese dos resultados

A análise permite identificar tendências gerais na expressão material e volumétrica da identidade arquitetônica dos edifícios multifamiliares estudados: uma desmaterialização progressiva, que desloca a expressão tectônica do concreto aparente para uma ênfase crescente em superfícies e revestimentos; uma complexificação volumétrica, que evolui de volumes simples para formas cada vez mais articuladas e expressivas; uma globalização da linguagem, que desloca referências do modernismo brasileiro para tendências internacionais; e uma mercantilização da identidade, associada a estratégias de marketing imobiliário.

Interpretados à luz do regionalismo crítico proposto por Frampton (1983), os edifícios de Teresina revelam mediação limitada entre a cultura universal e elementos derivados do lugar, ao passo que os exemplares de Recife demonstram adaptação criativa dos princípios modernos às condições locais. Na perspectiva

fenomenológica de Pallasmaa (2011), os edifícios das fases mais recentes tendem a priorizar o visual sobre o tátil, a imagem sobre a experiência corporal.

Essas tendências sugerem que a materialidade e a volumetria dos edifícios multifamiliares em Teresina refletem tensões entre influências externas e respostas locais, entre expressão tectônica e imagem comercial, entre adaptação climática e alinhamento estilístico. Compreender essas tensões é fundamental para discutir o papel da arquitetura na construção de identidades culturais em contextos regionais menos estudados pela historiografia nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos, neste artigo, as relações entre materialidade, volumetria e identidade arquitetônica em edifícios multifamiliares, tomando como estudo de caso a produção arquitetônica de Teresina ao longo de quatro fases de verticalização, de 1969 a 2024. A análise comparativa de oito edifícios representativos de Teresina e três exemplares paradigmáticos de outras cidades brasileiras revelou padrões, transformações e significados associados às expressões materiais e volumétricas da identidade arquitetônica, respondendo aos objetivos propostos na introdução.

Os resultados indicam uma trajetória que parte de uma expressão moderna brutalista, com forte presença do concreto aparente e volumetria clara e direta, atravessa fases de maior apelo mercadológico, com fragmentação formal e diversificação material, e alcança uma linguagem contemporânea globalizada, com materiais sofisticados, formas complexas e menor conexão regional. Em contraste, os exemplares comparativos de Recife demonstram busca mais consistente por uma identidade regional moderna, adaptando princípios internacionais às condições locais por meio de elementos vazados usados de forma expressiva nas fachadas.

No plano teórico, este artigo oferece um framework próprio para a análise das relações entre materialidade, volumetria e identidade arquitetônica, articulando conceitos de regionalismo crítico, fenomenologia e tectônica. No plano empírico, contribui para a historiografia da arquitetura brasileira em um contexto regional pouco estudado. No plano metodológico, demonstra a relevância da análise comparativa entre casos de uma mesma cidade e exemplares externos para a compreensão de expressões arquitetônicas em seus contextos específicos.

As limitações do estudo incluem o número restrito de edifícios examinados, a ênfase nos aspectos formais e materiais em detrimento de dimensões sociais e econômicas mais amplas, e a dependência de fontes documentais que podem não capturar toda a complexidade dos edifícios analisados. Pesquisas futuras poderiam ampliar o escopo da análise, incorporar métodos participativos e etnográficos junto a moradores e projetistas, e comparar a trajetória de Teresina com a de outras cidades médias brasileiras, de modo a identificar padrões, divergências e fatores determinantes nas expressões materiais e volumétricas da arquitetura multifamiliar regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPER, S. Y. Can architectural identity be measured? *Buildings*, v. 14, n. 5, p. 1379, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/buildings14051379>.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAVALCANTI, L. *Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CHING, F. D. K. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

DIAS, José Ricardo de Freitas. *Morar Apartado: um estudo sobre as transformações programáticas e espaciais dos edifícios de apartamentos em Teresina*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.



- FAÇANHA, A. C. *A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
- FRAMPTON, K. Towards a critical regionalism: six points for an architecture of resistance. In: FOSTER, H. (org.). *The anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Port Townsend: Bay Press, 1983. p. 16-30.
- FRAMPTON, K. *Studies in tectonic culture: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- HAMID, M.; HANKS, L.; QI, W. Is it possible to define architectural identity more objectively? In: MOHAREB, N. et al. (org.). *Cities' vocabularies: the influences and formations*. Cham: Springer, 2021. p. 87-98.
- HOLL, S. *Questions of perception: phenomenology of architecture*. San Francisco: William Stout, 2006.
- MONTANER, J. M. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. Nova York: Rizzoli, 1980.
- PALLASMAA, J. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2014.
- VILLA, S. B. *Apartamento metropolitano: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002.

